

## **DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA EM QUILOMBO URBANO: PRÁTICAS FORMATIVAS EM UNIDADE DE ENSINO BÁSICO (UEB)**

Lyandra Ferreira Rabelo <sup>1</sup>  
Mailma Nascimento dos Santos <sup>2</sup>  
Kedma Madalena Gonçalves Garces <sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a geografia enquanto área do conhecimento capaz de valorizar as pluralidades no ambiente escolar e de contribuir para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem. Busca-se demonstrar como a disciplina pode enriquecer a formação crítica dos estudantes ao articular os conteúdos geográficos com as realidades sociais, culturais e territoriais vividas pelas comunidades quilombolas urbanos. Nesse sentido, pretende-se evidenciar não apenas as amplas diversidades que a educação geográfica oferece, mas também os desafios que enfrenta no cotidiano escolar, como as limitações de infraestrutura, os obstáculos pedagógicos e a necessidade de práticas mais contextualizadas. A pesquisa foi realizada na Unidade de Ensino Básico (UEB) José Assub, localizada no bairro Santa Cruz, em São Luís – MA, no âmbito do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), a proposta metodológica esteve fundamentada no materialismo histórico-dialético, orientado pela articulação entre teoria e prática, de modo a valorizar a experiência dos alunos e dos professores no processo formativo. O trabalho teve como principal eixo a construção da leitura crítica dos estudantes a partir de suas realidades, articulando conteúdos geográficos ao cotidiano, ao território que ocupam e às relações sociais que o constituem. O referencial teórico foi sustentado principalmente nas contribuições de Assunção (2008), ao discutir a identidade e a mobilização política dos quilombos urbanos em São Luís, e de Cavalcanti (2013), que apresenta elementos essenciais para uma didática da geografia voltada ao ensino e à aprendizagem crítica. Evidenciou-se a relevância da formação docente, tanto no âmbito da preparação teórica proporcionada pelo programa quanto na vivência prática em sala de aula. O trabalho mostra que a integração entre universidade e escola possibilita ampliar o repertório pedagógico, fortalecer a consciência crítica dos estudantes e ressignificar o papel da geografia na construção de uma educação cidadã.

**Palavras-chave:** Educação Geográfica Quilombola, Práticas Pedagógicas, Formação Docente.

### **INTRODUÇÃO**

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, [Lyandraf97@gmail.com](mailto:Lyandraf97@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, [Mailmanascimento989@gmail.com](mailto:Mailmanascimento989@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Curso de Geografia no Departamento de Geografia-DEGEO da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, [kedmagarcez@professor.uema.br](mailto:kedmagarcez@professor.uema.br);



A Geografia, enquanto disciplina, exerce um papel fundamental na formação crítica dos discentes, possibilitando a **compreensão das transformações** que ocorrem no território mudanças essas que o organizam e estruturam, conforme afirma Cavalcanti (2012, p. 30) “o ensino da Geografia apresenta muita importância, pois, ela é a ciência que possui como objeto de estudo o espaço geográfico”. No âmbito escolar, essa disciplina ganha ainda mais importância à medida que se articula com as vivências dos sujeitos sociais.

Contudo, como em qualquer área do conhecimento, ao tratar dos impasses relacionados à educação, percebe-se que os desafios ultrapassam os limites da sala de aula. A falta de infraestrutura e as limitações metodológicas tornam evidente como as comunidades quilombolas urbanas acabam sendo estigmatizadas pela condição de pobreza, o que faz com que sua territorialidade seja colocada em segundo plano, deixando de lado a pauta de uma educação verdadeiramente transformadora, para Pessoa (2009, p. 48) “a geografia dever ter mais aproximação com a vivência do aluno”.

Dessa forma, o presente trabalho buscou analisar como a Geografia, enquanto área do conhecimento, é capaz de valorizar as pluralidades no ambiente escolar e contribuir para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem. Conforme Libâneo (2012, p.26), “a Geografia, dentro da sua importância, é capaz de promover uma observação crítica da relação entre o contexto social e a natureza, focando na construção do espaço geográfico”. O locus da pesquisa foi a UEB José Assub, localizada no bairro Santa Cruz, em São Luís – MA, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

O caminho metodológico adotado fundamentou-se no materialismo histórico-dialético, o que possibilitou compreender as relações entre teoria e prática como dimensões indissociáveis do processo educativo. O referencial teórico apoiou-se nas contribuições de Assunção (2008), que discute a identidade e a mobilização política dos quilombos urbanos em São Luís, e de Cavalcanti (2013), que propõe uma didática da Geografia voltada à formação crítica dos estudantes.

Seguindo essa abordagem e corroborando com a leitura crítica que fundamentou a pesquisa especialmente ao associá-la às experiências cotidianas e às relações sociais observadas na escola, o estudo buscou destacar a importância da formação de professores e da integração entre universidade e escola como uma construção coletiva voltada para uma educação cidadã.

A necessidade de estudo do tema fundamenta-se em compreender a Geografia escolar como um instrumento de leitura crítica do mundo, capaz de ultrapassar o ensino meramente conteudista e conectar-se às experiências concretas dos estudantes. No contexto marcado por

desigualdades sociais e territoriais, como o das comunidades quilombolas urbanos, torna-se essencial refletir sobre práticas pedagógicas que considerem as especificidades culturais e históricas desses sujeitos. Portanto, o estudo justifica-se por buscar evidenciar que o conhecimento geográfico só adquire sentido quando articulado às realidades locais e aos territórios de pertencimento.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar como o ensino de Geografia pode valorizar as pluralidades no ambiente escolar e contribuir para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem nas comunidades quilombolas urbanas, discutindo a importância da união entre universidade e escola na formação docente e na construção de práticas educativas transformadoras refletindo sobre as contribuições da Geografia para a construção da identidade e da territorialidade quilombola no contexto escolar.

Nesse sentido, a integração entre universidade e escola mostra-se indispensável para o aprimoramento das práticas pedagógicas, compreender a Geografia como instrumento de crítica e de diálogo com a realidade é reafirmar seu potencial na construção de uma sociedade mais justa, participativa e igualitária.

## METODOLOGIA

A metodologia deste estudo fundamentou-se em uma abordagem qualitativa, pautada no materialismo histórico-dialético, “A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima” (Marx, 1983, p. 20), que permitiu compreender o ensino de Geografia como um processo dinâmico e socialmente situado. segundo Minayo; Sanches (1993, p. 247).

A relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa.

A pesquisa foi desenvolvida na Unidade de Ensino Básico José Assub, localizada no bairro Santa Cruz, em São Luís – MA, tendo como base as ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a coleta de dados ocorreu por meio de observações em sala de aula, análise de materiais didáticos e registros reflexivos das experiências formativas, buscando compreender como a disciplina ajuda na valorização das pluralidades culturais e territoriais no ambiente escolar.





O papel crítico da Geografia na formação cidadã e a importância de uma prática docente comprometida com a **realidade dos sujeitos**. A análise dos dados foi realizada de forma interpretativa, relacionando teoria e prática, de modo a evidenciar as potencialidades e os desafios do ensino de Geografia em contextos quilombolas urbanos. Essa perspectiva permitiu compreender a educação geográfica não apenas como transmissão de conteúdos, mas como instrumento de emancipação e fortalecimento identitário.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A partir da segunda metade do século XX, surgiram no Brasil intelectuais negros importantes como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento que começaram a lutar com mais força pelas questões raciais e pelos direitos da população negra. Eles tiveram papel fundamental no Movimento Negro, especialmente com a criação do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978.

Nessa época, os estudos sobre os quilombos começaram a crescer. A partir dos anos 1970, o tema passou a ser discutido junto com questões de raça, desigualdade e políticas afirmativas.

Com a Constituição de 1988, os quilombos conquistaram reconhecimento legal por meio do Artigo 68, que assegura às comunidades quilombolas o direito à propriedade de suas terras. Essa conquista resultou da intensa mobilização dos movimentos negros e das lutas pela terra, que pressionaram a Assembleia Constituinte. A aprovação do artigo representou não apenas o reconhecimento de um passado de resistência, mas também a possibilidade de os quilombolas reafirmarem sua identidade e ocuparem novos espaços políticos na sociedade brasileira, trazendo visibilidade a comunidades antes pouco mencionadas (CARRIL, 2006).

Em vista disso, Oliveira, D'Abadia, (2015), afirmam que:

“as comunidades quilombolas urbanas se veem inseridas em meio aos problemas próprios de espaços urbanos carregados da complexidade e da heterogeneidade que permeiam a vida cidadã. A apropriação de seus territórios se vincula, geralmente, à realidade da periferia e/ou de espaços marginalizados e/ou segregados. São espaços etnicamente diferenciados por serem constituídos por grupos identitários que buscam o reconhecimento de sua identidade e a segurança jurídica de seu direito à propriedade para romper o ciclo da segregação espacial.” (OLIVEIRA; D'ABADIA, 2015. p: 258).

Além disso, há quilombos em áreas urbanas, que sofrem outros tipos de dificuldades como viver em periferias e locais marginalizados, buscando reconhecimento, identidade e segurança jurídica para garantir o direito à moradia e romper com a segregação social e espacial.

A autodefinição de quilombo urbano revela uma identidade que combina o pertencimento étnico e urbano, valorizando a ancestralidade negra e as referências históricas ligadas aos territórios quilombolas de Alcântara e da Baixada Maranhense. Essa identificação surge como uma estratégia de resistência diante das dificuldades e contradições do processo de urbanização ao qual esses grupos foram submetidos.

O termo “quilombo urbano” adquire, assim, um novo significado político e social. Ele representa uma luta por reconhecimento e visibilidade, sendo discutido por partidos, pesquisadores e movimentos sociais. Acionar a identidade quilombola se torna uma forma de resistência coletiva e de afirmação cultural. Essa unidade é percebida nas práticas políticas, culturais e religiosas que reforçam os laços comunitários e o sentimento de pertencimento.

Esse processo de construção de identidade vem sendo estabelecido frente às dificuldades e complexidades do processo de urbanização a que estiveram submetidos. A utilização do termo quilombo urbano passa a refletir na atualidade uma luta política e tem recebido um novo significado, inaugura uma demanda insurgente: partidos políticos, cientistas e militantes discutem o assunto” (LEITE, 1999, p.124).

Dessa forma, torna-se importante discutir e colocar em prática ações voltadas para o reconhecimento das comunidades quilombolas. Além disso, os saberes tradicionais podem ser vistos como uma forma de resistência diante das dificuldades enfrentadas. Assim, valorizar e fortalecer a identidade étnica quilombola é uma estratégia usada por muitos grupos para se afirmarem coletivamente e construírem uma união social. Essa união pode ser observada nas atividades políticas, culturais e religiosas que são compartilhadas entre os três bairros (ASSUNÇÃO, 2017, p. 14).

A autora busca compreender como esses sujeitos se percebem, se expressam e se identificam dentro do espaço que ocupam. Dando visibilidade às suas vivências, modos de organização e às relações sociais construídas no cotidiano, marcadas por laços de amizade, parentesco, solidariedade, compadrio e, principalmente, pela religiosidade e pelas mobilizações políticas observadas nos bairros Liberdade, Camboa e Fé em Deus, em São Luís do Maranhão.

Os quilombos desenvolveram uma relação específica com a natureza, de escravos eles se transformaram em camponeses. O relacionamento humano com a terra tornou-se fundamental como meio de sobrevivência na sociedade escravista. Viver nos quilombos equivalia a arar e cultivar a terra para dela extrair os recursos necessários à vida e também dela fazer sua moradia e nela reconstruir seu suporte cultural, numa perspectiva de autossobrevivência (CARRIL, 2006, p. 161).

Ao longo do tempo, o conceito de quilombo passou por transformações. Se antes era associado apenas a espaços de refúgio de escravizados, hoje se amplia para representar resistência, pertencimento e afirmação cultural em diferentes contextos. Assim, o quilombo na contemporaneidade não é apenas um resgate histórico, mas uma forma viva de resistência e identidade coletiva, que reafirma a presença e a força da população negra nas cidades e na sociedade brasileira.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades analisadas ocorreram entre março e junho de 2025, sempre às segundas e quartas-feiras, com alunos do sexto ano do ensino fundamental na UEB José Assub, localizada no bairro Santa Cruz, São Luís - MA (Mapa 1). Inicialmente, foi realizado o reconhecimento da instituição, etapa essencial para compreender o ambiente escolar, familiarizar-se com a dinâmica das aulas, o número de alunos (em média 15 a 20 por sala). Este primeiro contato evidenciou as particularidades da escola, em contraste com outras instituições de maior porte e lotação, proporcionando uma perspectiva diferenciada sobre o ensino e aprendizagem.

**Mapa 1:** Localização da UEB José Assub em São Luís - MA



Fonte: IBGE, 2024  
Org.: Rabelo, 2025



As observações realizadas durante os primeiros meses do projeto demonstram que a Educação Geográfica, quando articulada a estratégias inclusivas e sensíveis às diferenças socioculturais, favorece a formação crítica dos estudantes, as aulas ministradas pelo professor supervisor revelaram práticas pedagógicas que integraram teoria e prática de forma significativa, promovendo a construção do conhecimento pelos alunos.

O professor atuou como mediador, incentivando interações entre os estudantes e estimulando questionamentos que refletiam tanto as vivências quanto o contexto sociocultural da comunidade quilombola.

Durante as vivências, destacaram-se momentos significativos de diálogo e troca de saberes entre professores, pibidianos e alunos, evidenciando o potencial das práticas formativas baseadas na escuta e no reconhecimento da diversidade étnico-racial. A Roda de Conversa com a turma 71 (Figura 1), por exemplo, foi um dos momentos mais enriquecedores, pois possibilitou compreender como os estudantes percebem e representam a população negra em seu cotidiano.

**Figura 1:** Roda de Conversa com a turma 71.



Fonte: Acervo próprio, 2025

Observou-se que, embora muitos reconhecessem figuras públicas negras, havia pouco conhecimento sobre suas trajetórias históricas e contribuições sociais, essa constatação reforça a importância de trabalhar, nas aulas de Geografia, temas de representatividade, ancestralidade e pertencimento como elementos formadores da identidade coletiva.

Outro resultado relevante diz respeito ao fortalecimento da identidade docente e da compreensão sobre o papel social do professor, a observação das aulas do professor supervisor e a participação em encontros formativos na Universidade Estadual do Maranhão



(UEMA) favoreceram reflexões críticas sobre o fazer pedagógico, destacando que o ensino de Geografia deve partir da realidade **dos alunos e dos espaços** que habitam (Figura 2 e 3). Essa abordagem está em consonância com Cavalcanti (2024), ao afirmar que ensinar Geografia de forma crítica implica compreender o espaço geográfico como produto das relações sociais, políticas, econômicas e culturais.

**Figura 2 e 3:** Utilização de recursos literários no processo de ensino-aprendizagem



Fonte: Acervo da autora, 2025

A articulação teoria-prática se consolidou como um dos maiores ganhos do projeto, ao permitir que os licenciandos aplicassem, em sala de aula, os conhecimentos adquiridos nas formações teóricas e nas leituras sobre educação escolar quilombola. O contato direto com o Quilombo da Liberdade e com seus espaços simbólicos como o Matadouro Modelo e as manifestações culturais do bairro possibilitou compreender o território como expressão viva de memória, resistência e identidade. Essa percepção ampliou o entendimento sobre o conceito de “quilombo urbano”, não apenas como categoria histórica, mas como prática social contemporânea de luta por reconhecimento e justiça territorial (ASSUNÇÃO, 2017).

A partir das observações realizadas, também se verificou que o ensino geográfico, quando contextualizado com as experiências locais, torna-se mais significativo para os estudantes, ao abordar temas como territorialidade, cultura e diversidade, o professor mediador contribui para a construção de uma aprendizagem crítica, que valoriza o lugar vivido como espaço educativo. Essa metodologia rompe com a visão tradicional e conteudista da disciplina, promovendo um ensino participativo, afetivo e emancipador, que desperta nos alunos o sentimento de pertencimento e o reconhecimento de suas origens.

No entanto, os resultados também apontam desafios persistentes no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no que se refere às condições estruturais das escolas

públicas e à necessidade de formação continuada para os docentes que atuam em contextos quilombolas. A ausência de materiais didáticos adequados, o pouco espaço para a discussão sobre relações étnico-raciais no currículo e as dificuldades de implementação de políticas educacionais efetivamente inclusivas ainda representam obstáculos a serem superados.

Apesar desses entraves, as práticas formativas desenvolvidas demonstraram que é possível construir pontes entre o saber acadêmico e o saber comunitário, consolidando uma educação geográfica comprometida com a equidade racial e com a valorização das memórias negras no espaço urbano. Assim, o PIBID se apresenta como instrumento de transformação da formação docente, ao integrar pesquisa, extensão e ensino, e ao incentivar uma postura reflexiva, ética e engajada dos futuros professores.

Em síntese, a Educação Geográfica em quilombos urbanos deve ser compreendida como prática pedagógica e política, voltada à emancipação dos sujeitos e ao reconhecimento de suas territorialidades. A experiência vivida na UEB José Assub reforça que o ensino, quando contextualizado e sensível à diversidade, contribui não apenas para o aprendizado escolar, mas para a formação cidadã, para o combate ao racismo e para o fortalecimento das identidades negras na escola e na cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das experiências vividas na UEB José Assub, constata-se que a Educação Geográfica em contextos quilombolas urbanos representa um campo fértil para a construção de práticas pedagógicas críticas e transformadoras. O contato direto com o território e com as vivências da comunidade evidenciou que o ensino da Geografia, quando ancorado nas realidades locais, possibilita aos estudantes reconhecerem-se como sujeitos históricos e agentes do espaço que habitam.

Nesse sentido, a escola se torna não apenas um espaço de transmissão de conteúdos, mas um ambiente de valorização da memória coletiva, de fortalecimento das identidades negras e de reflexão sobre as dinâmicas socioterritoriais que estruturam o cotidiano dos alunos, ao longo das atividades, ficou evidente que as práticas formativas pautadas no diálogo e na escuta ativa fortalecem o vínculo entre escola, comunidade e universidade, promovendo um aprendizado mais significativo e participativo.

A presença do PIBID, ao integrar teoria e prática, proporcionou aos licenciandos uma compreensão mais ampla sobre o papel social do professor e sobre os desafios enfrentados na educação quilombola. Essa articulação contribuiu para a consolidação de uma docência



crítica, capaz de articular saberes acadêmicos e saberes tradicionais, reconhecendo o território quilombola como espaço de resistência, memória e produção de conhecimento.

Por fim, comprehende-se que os desafios ainda são muitos desde a falta de infraestrutura adequada até a carência de formações continuadas e de materiais pedagógicos contextualizados, mas as possibilidades se mostram igualmente promissoras. A experiência na UEB José Assub reafirma que a Educação Geográfica, quando comprometida com a inclusão, a diversidade e a justiça social, tem potencial para transformar a escola em um espaço de emancipação e valorização da cultura afro-brasileira. Assim, o ensino geográfico em quilombos urbanos transcende o campo disciplinar e assume um papel político e social essencial na construção de uma educação antirracista, democrática e comprometida com a equidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos pela cooperação conjunta que desenvolvemos enquanto discentes de graduação, desde os primeiros períodos do curso, fortalecendo-nos mutuamente na construção e contribuição para a escrita deste trabalho. Esta caminhada foi profundamente enriquecedora, especialmente por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e, de forma especial, pela orientação e dedicação da professora Kedma Madalena, que, desde o início, demonstrou ser mais do que uma coordenadora uma verdadeira amiga e parceira nesse processo formativo. Estendemos também nossos agradecimentos à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pelo apoio e pela oportunidade de crescimento acadêmico e pessoal.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Ana Valéria Lucena Lima. **“Quilombo urbano”, Liberdade, Camboa e Fé em Deus: identidade, festas, mobilização política e visibilidade na cidade de São Luís, Maranhão.** – São Luís, 2017.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. **QUILOMBO, TERRITÓRIO E GEOGRAFIA.** Agrária, São Paulo, Nº 3, pp. 156-171, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2012.

CAVALCANTI, Lana. **ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA: elementos para uma didática crítica.** Goiânia: C&A Comunicação, 2024.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.



PESSOA, R. B.; BRITO, F. B. B. Da origem da Geografia Crítica a Geografia Crítica escolar. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre – RS, 2009.

LEITE, Ilka Boaventura. **Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização?** Horiz. antropol. Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 123-149, maio 1999.

OLIVEIRA, Fernando Bueno; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Territórios quilombolas em contextos rurais e urbanos brasileiros.** Élisée, Rev. Geo. UEG – Anápolis, v.4, n.2, p.257-275, jul. /dez. 2015.